

# FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon, n.º 02 - Ano 01 / 19 de março de 2007

## Centenário do cordelista Cuíca de Santo Amaro é comemorado na Praça Municipal

Ilustração: Sinézio Alves



Nesta segunda-feira, dia 19 de março, a partir das 9h30, a Fundação Pedro Calmon comemora o Centenário do cordelista baiano Cuíca de Santo Amaro com atividades culturais envolvendo a literatura de cordel, a vida e obra do poeta popular. Para celebrar a data, acontecerá na Praça Municipal uma exposição bibliográfica, a partir das **9h30**, sobre os cem anos do poeta e sobre o estilo literário que fez de Cuíca um mestre da cultura popular. Às **10h**, haverá o lançamento do livro "Ele, O Tal", da folclorista Edilene Matos, reunindo cordéis e ensaios sobre o autor, e às **11h** a apresentação da peça homônima, do GrupUsina de Teatro, recriando três dos mais famosos cordéis de Cuíca. "Ele, o Tal" era a forma como o cordelista se auto intitulava.

Às **14h**, na Biblioteca Pública do Estado (Barris), o público terá, gratuitamente, duas oficinas: uma de Cordel com o escritor Antonio Carlos Barreto e outra de Xilogravura, com o artista Luis Natividade. Encerrando as homenagens, a Praça Municipal, onde Cuíca fazia ponto recitando seus cordéis para o público, receberá, às **17h**, o encontro "De Rap'ente Cordel", com cordelistas, repentistas, emoladeiros e rappers. São aguardadas apresentações de artistas como as duplas Mariano Imperador e Antônio Carlos Barreto; Bule-Bule e Antônio Queiroz; Tranquilino e Paraíba da Viola; Palito do Pandeiro e Luciano Rocha; Caboclinho e João Ramos; e as duplas de RAP Sardinha e Diego e Cosquaque e Lord.

O poeta e cordelista Cuíca de Santo Amaro, cujo verdadeiro nome é José Gomes, faleceu em 1964, tendo deixado para a literatura brasileira, grandes obras, mostrando sua irreverência e maestria nas rimas e métricas das histórias que contava. Com estilo de repórter popular, o poeta de cordel documentou 30 anos de crimes, desastres, escândalos sexuais e políticos da vida cotidiana baiana. Vendendo seus versos no Elevador Lacerda e Praça Municipal, ele chamava tanta atenção quanto os casos que reportava. Vestido de cartazes, chapéu coco, calças listadas, fraque e rosa na lapela, Cuíca inspirou personagens de *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, e *Bahia de Todos os Santos*, de Jorge Amado.

DESTAQUES

O Poeta da  
Liberdade.  
Págs. 2 e 3



As ações da Fundação  
Pedro Calmon.  
Pág. 4



As Homenagens a  
Cuíca de Santo Amaro.  
Pág. 4

# Editorial

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



**Ubiratan Castro de Araújo**

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

A literatura sempre auxiliou a história através da representação literária de momentos e históricos e personalidades marcantes. Assim, alguns autores brasileiros revelam a excelência ao narrarem fatos e figuras de sua época, escrevendo livros que são verdadeiras fontes históricas. A Bahia celebra neste 19 de março, um dos grandes escritores a serviço do registro cotidiano. Um repórter literato, que revelou com maestria e picardia, momentos e figuras desta diversificada e polêmica Bahia. Seu nome, Cuíca de Santo Amaro, seu auto-título, Ele, O tal, seu ofício, escrever cordéis e vendê-los em espaços públicos da cidade, como a Praça Municipal e a Praça Cayru.

Nesta segunda edição do suplemento Folha Literária, a Fundação Pedro Calmon e a Empresa Gráfica da Bahia revelam um pouco do talento deste cordelista, que com um olhar atento ao dia-a-dia, uma linguagem popular e muito bom humor, marcou seu nome para sempre na arte literária.

Foto: Divulgação



Cuíca de Santo Amaro: "Ele, O Tal"



## Cuíca de Santo Amaro: o senhor se lembra d'Ele?

Mais uma vez volto a falar sobre Cuíca de Santo Amaro. Agora, especialmente, no centenário de seu nascimento.

Assim como Cuíca em seu tempo, busco perambular pelas ruas dessa cidade mágica da Bahia, insistindo na captação dos sentidos, do olfato ou da audição de momentos não vividos. Através de Cuíca, recomponho o mapa da cidade, dessa "grande sala-de-jantar do Brasil", e, imaginariamente, percorro ruas, becos, mercados e feiras populares para, em seguida, desenhá-los na minha escrita. Assim, o poeta procedeu, observador infatigável da vida sócio-política de sua polis.

Seguindo seu ritual cotidiano de andarilho, Cuíca cumpriu o traçado do seu destino e ficou como um personagem-tipo, desses que marcam profundamente uma época, um espaço social. Pessoa/personagem impressa na memória do povo da Bahia, figura notável e notória, poeta boquirroto, gritador e denunciador dos males sociais, expert na arte da performance, Cuíca encarnou a si mesmo em vários papéis, sobressaindo-se enquanto corpo/voz convertido em ação, coisa viva, que alardeava, feria, rasgava, cauterizava, ecoando sempre um universo de sugestões e sedução.

Essa sua voz, inscrita no papel, como autor que foi de folhetos de cordel, ou articulada, como a do repórter, a do narrador, a do cantor dos acontecidos alegres e tristes do povo da Bahia, obteve enorme sucesso. Anunciava e denunciava tudo em voz alta, aperfeiçoando o timbre, cioso do poder de seus pulmões, da materialização e da pulsação da voz, do ineditismo de suas performances, em um contínuo corpo-a-corpo com seu público. Se Cuíca foi testemunha atenta e inquieta do momento empolgante de transformação da cidade antiga em metrópole moderna de amplas e largas avenidas, acompanhando a revolução dos costumes, afrontou também de dedo em riste essa "modernidade" a que chamou por diversas vezes de "descaração".

Decididamente, Cuíca nunca foi, como o personagem de Apollinaire, um vagabundo urbano, quase um clochard, um patético perdido na multidão. Foi, antes, uma espécie de Carlitos, dotado de grande poder de comunicação. Um lúdico e lúcido palhaço de fraque e cartola, cuja voz soava mágica para o público que o aplaudia e o tinha como seu legítimo porta-voz. Pela boca desse extraordinário artista fala a outra voz, a voz do poeta sensível à vida de seu povo.

Se foi poeta de rimas pobres e imperfeitas, não cabe aqui julgá-lo. O julgamento de Cuíca já foi feito por críticos exigentes e terríveis, dotados de incomparável feeling: o público ouvinte e leitor de suas histórias, que o transformou em personagem, lenda, mito...

Sua voz, seja como sussuro de confidência, seja altissonante como a da multidão na praça, me faz ouvir o tempo que passou e que volta transformado, mesmo que seja numa folha de papel. Ó, abre alas, eu quero passar... Peço licença. Não posso negar: vou prestar minhas homenagens a Ele, o Tal, Cuíca de Santo Amaro.

Era o dia 19 de março de 1907 e, na casa caiada, de poucos cômodos, porta e janela descascadas pelo tempo, de nº 16 da rua Ferreira França (antiga Rua da Alegria), o choro forte da criança já era indicio do vozeirão que iria caracterizar o futuro poeta popular José Gomes, rebatizado popularmente como Cuíca de Santo Amaro. Na testa do menino de cor parda, o sinal-da-cruz feito pela "curiosa", que atendera a parturiente, prenunciava o nascimento real e mítico do poeta do povo.

Não se sabe ao certo quando José Gomes passou a chamar-se, por apelido ou pseudônimo ou nome de guerra, Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal. Morreu sem revelar exatamente a primeira vez em que foi assim chamado, bem como a identidade do inventor/criador dessa "marca" com que o poeta ficaria conhecido e "famoso" no cenário da cultura das ruas da Bahia.

Se de início ele era conhecido como Zé Gomes, como se tornou publicamente Cuíca? Quem teria tido a idéia de acrescentar-lhe o apelido em seus folhetos? Nem as sibilas, lendárias profetisas, revelariam esse segredo, tão ciumentamente guardado a sete chaves pelo poeta.

Pode-se levantar a hipótese de que seu apelido teria nascido nas rodas boêmias de Santo Amaro, entre um trago de "branquinha" ou conhaque, a batida do violão e sua voz rouca a entoar sentidas músicas de amor e/ou de dor-de-cotovelo, ou talvez em animados sambas-de-roda, ou ainda nas rodas de chulas e sambas-de-prato, tradições dessa terra de canaviais.

Alguns depoimentos tentaram explicar o nome cuíca. Um deles o vinculava ao episódio folclórico do famoso discurso de Benedito Valadares, figura que enriqueceu o anedotário político brasileiro, quando ao ler um texto que não era de sua lavra, na inauguração de uma estância hidro-mineral, em pleno Estado Novo, trocou a expressão quicá do Brasil por Cuíca do Brasil. A galhofa e a zombaria políticas da época acabaram por generalizar o uso do termo, tornando conhecidas expressões como Cuíca de Caruaru, Cuíca de Mossoró, Cuíca de Diamantina e assim por diante.

A possibilidade de relação, porém, com a "cuíca" não pode ser descartada. Em entrevista que localizei concedida pelo próprio Cuíca ao Diário de Notícias, de 20.10.1957, a relação do apelido confirma-se: "diziam que a imitação de vários instrumentos através do meu violão era perfeita. E que fazer violão chorar como se fora cuíca, só eu sabia".

José Gomes habitualmente assinava seus folhetos como Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal. Possíveis explicações podem dar conta desse aposto. Verbetada em dicionários, a expressão o tal é usada no campo da gíria para pessoa que tem ou julga ter valor excepcional em qualquer coisa. Isto casava-se muito bem com a personalidade excêntrica do poeta José Gomes, e era esta sua marca autoral na totalidade de folhetos, volantes e outros impressos que publicou. Outra interpretação, não descartada, é possível emulação com o cantor de samba-de-brequê, Moreira da Silva, que o apresentador César de Alencar, em 1937, apelidou de Moreira da Silva, o Tal, pelo destaque desse profissional da música no tocante a essa modalidade de samba, em que era (e continua sendo) imbatível (ainda não surgiu outro com semelhante cadência, ginga e destreza rítmica). O genial Moreira da Silva integrava, ao lado de Vicente Celestino, a galeria dos cantores que Cuíca elegera como de sua predileção.

Para a exibição de seu personagem, de seu outro "eu", Cuíca lançava mão de recursos inusitados e imprevisos. Por exemplo, coloriu e enfeitou, de maneira bizarra, outro fraque que tinha - uma sobrecasaca "de abelha", de abas rodadas em godês, marcada na cintura -, acrescentando-lhe uma grande gola rubra e uma larga faixa na cintura, do mesmo tecido e cor da gola. Na lapela uma flor, cravo, cravina, rosa, margarida ou graxa, era exibida pelo narcísico poeta, ao sair para mercar seus folhetos, nos pontos pitorescos da cidade da Bahia.

Os cartazes em cartolina de 60x50 cm eram afixados em postes, gradis ou muros, nos locais de venda (Feira do Engenho - atual Curtume -, Elevador Lacerda, Forte de São Pedro, Baixinha, Estação da Leste, Sete Portas, Água de Meninos, etc.), para que o consumidor pudesse ter uma noção visual dos personagens de suas histórias. Cuíca e Sinézio estariam antecipando, assim, assim os out-doors?

Cuíca tinha o hábito de ler seus folhetos em voz alta, e consta que por algum tempo fez uso de um papagaio, tornando-se com isto centro de atração para a multidão que circulava pela Baixa do Sapateiro, mais precisamente em frente ao Café Astúrias, seu ponto fixo na região. Chegou mesmo a vender os folhetos mais pelo tipo que encarnava do que pelo enredo das histórias.

Sabia muito bem Cuíca de Santo Amaro que o centro da cidade de Salvador não era somente reduto de sobradões onde se misturavam os cheiros de dendê, incenso, cravo e canela. Era também reduto de tipos humanos, populares ou não, que passavam das ruas para a memória, a exemplo de Gregório de Mattos, poeta seiscentista que nasceu no casarão de nº 8 da Praça Anchieta (bem em frente ao Cruzeiro de São Francisco, cruz de mármore erguida em 1807, sob a batuta de Frei José de São Sebastião), expoente maior da nossa poesia barroca e que circulou de viola em punho pelos becos e ladeiras, satirizando desafetos pessoais e políticos, ele que era doutor in utroque jure pela Universidade de Coimbra, que foi, um dia, associado a Cuíca por Odorico Tavares. Movido talvez pelo fascínio que a figura de Cuíca e sua sátira mordaz exerciam sobre ele, Odorico chegou a considera-lo "uma espécie de Gregório sem gramática".

Hoje, Cuíca de Santo Amaro é nome de alameda no sofisticado Shopping Center Iguatemi da Bahia e reverenciado pelo povo, pela intelectualidade e pelo próprio poder público. Dele falou-se e continua a falar-se muito, e tanto, que não é possível incluir aqui, em breve notícia, todas as anotações e publicações alusivas a sua vida e sua obra.

Edilene Matos - 2007

## PROGRAMAÇÃO

**Dia 19 de março (segunda-feira)**

### **Praça Municipal**

- **Exposição Bibliográfica:** Centenário de Cuíca de Santo Amaro e Literatura de Cordel, às **9h30**
- **Lançamento do livro "Ele, O Tal"**, da folclorista Edilene Matos, às **10h**
- **Apresentação da peça "Ele, O Tal"**, do GrupUsina com apresentação de cordéis de Cuíca de Santo Amaro, às **11h**
- **DE RAP'ENTE CORDEL:** Encontro com rappers, emboledeiros, cordelistas e repentistas, às **17h**

### **Biblioteca Pública do Estado (Barris)**

- **Oficinas de Cordel**, com Antônio Carlos Barreto, e Xilogravura, com o artista plástico Luís Natividade, às **14h**

Foto: Divulgação



O GrupUsina apresenta a peça "Ele, O Tal", na Praça Municipal, às 11h

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



**DE RAP'ENTE CORDEL:** Encontro com rappers, emboledeiros, cordelistas e repentistas, na Praça Municipal, às 17h

A Folha Literária é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação da Fundação Pedro Calmon / Secretaria da Cultura da Bahia  
Diretor-geral: Ubiratan Castro de Araújo / Diretoria do Livro, Leitura e Literatura: Geraldo Maia  
Jornalista Responsável: André Luís Santana (DRT BA 2226) / Arte e Diagramação Lucas Queiroz / Textos: Jamile Menezes e André Luís Santana  
Praça Thomé de Souza - Palácio Rio Branco - Salvador / www.fpc.ba.gov.br / e-mail: ascom@fpc.ba.gov.br / Tel.: 3116-6918 / fax.: 3116-6914



# O CORDELISTA QUE VIROU MOTE

Cuíca de Santo Amaro, o Tal do Cordel, de tanto fazer versos virou tema do trovador alagoano, Rodolfo Coelho Cavalcante e de muitos baianos, entre eles, Carlos Neves de Freitas, o Sabiá de Coité, e Ireno Bispo, o Bem-Te-Vi. Foi para o cordelista baiano que Rodolfo escreveu os versos abaixo, registrados no livro *Cuíca de Santo Amaro: Poeta Repórter da Bahia*, de Mark J. Curran. Segundo Rodolfo, Cuíca “era muito gracejador e pilhérico, mas só na hora que vendia seus folhetos. Individualmente, ou melhor, particularmente, era um indivíduo sério que não brincava com ninguém. Dava-se somente com os amigos de suas relações. Devia ter muitos inimigos por causa dos seus folhetos de crítica. Era um homem pouco comunicativo fora do seu metier de trabalho”.

## Os Folhetos de Cuíca

**Rodolfo Coelho Cavalcante** - *Cordelista, trovador, fundador da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel*

Uns oitocentos folhetos  
Cuíca em vida escreveu  
Como Poeta-Repórter  
Outro igual não apareceu  
A Bahia tem saudade  
Do Poeta da Cidade  
Que pouco tempo viveu

Se ele pecava na métrica  
Seus versos tinham sabor  
Da própria alma do Povo  
Por isso que o trovador  
Atraía a multidão  
Que até numa eleição  
Quase foi vereador.

Todo caso que se dava  
Na Capital da Bahia  
Ou mesmo no interior  
Cuíca logo sabia  
Não versava ele boato  
E sim o concreto fato  
Que o jornal confirmaria.

Nunca levantava um falso  
Para fazer sensação  
Só versava o que se dava  
Da Capital ao sertão  
Era um Jornal do Estado  
Que o povo tinha cuidado  
De ler a sua narração.  
Usava fraque e cartola  
Como hoje usa o “Chacrinha”  
Camisa branca, engomada  
E na cartola uma peninha  
Com o povo gracejava  
E todo mundo o estimava  
Pelo jeito que ele tinha.

De manhã no Elevador  
Lacerda ele marcava  
Seus folhetos com cartazes  
E a tarde trabalhava  
Na “Baixa dos Sapateiros”  
Levando os taboleiros  
Todo frequê que passava.

A tardezinha Cuíca  
Com seus folhetos na mão  
E com um embrulho de lado  
Pegava sua lotação

Levava p’ros “enchadinhos”  
Como chamava os filhos  
A sua alimentação.

Era um chefe de família  
Concretamente familiar,  
Cumpridor dos seus deveres  
Zelando pelo seu lar  
Morreu e nada deixou  
Porém o nome ficou  
Para o povo se lembrar.

Muita gente receosa  
Temia do rimador.  
Entretanto, tinha ele  
Muita gente ao seu favor  
Até os homens do cais  
Já não compravam jornais  
Para ler o Trovador.

Toda obra de Cuíca  
Chamava o Povo a atenção.  
Já tinha fregueses certos  
Do “Lacerda” ao “Taboão”  
Do “Terreiro” a “Barroquinha”  
De Salvador a Serrinha  
E em todo o nosso sertão.

Era um Gregório Matos  
Que em Salvador vivia  
Versando todos os fatos  
Do Estado da Bahia  
Vivendo da inteligência  
Não temia a conseqüência  
Quando o folheto saía.

Quem não andasse direito  
Cuíca sentia o faro  
E o seu folheto saía  
Sem pedir segredo, é claro  
E como ele não temia  
Na capa ele escrevia  
“Cuíca de Santo Amaro”!

Respeitava as famílias  
No lugar onde passava.  
Somente nos seus folhetos  
Cuíca pilheriava,  
Era assim que ele vivia  
Pelas ruas da Bahia  
No labor que tanto amava

## CAPAS DOS CORDÉIS DE CUIÇA DE SANTO AMARO



## Garotas que andam sem camisa e sem Cuéca

Autoria D'ele o Tal - Cuíca de Santo Amaro



## O Casamento de Orlando Dias com Cauby Peixoto

Autoria D'ele o Tal - Cuíca de Santo Amaro



## A Viuva Que Casou Com Vêu e Grinalda

## O que dizem da Estação Rodoviária

Autoria D'ele o Tal - CUIÇA DE STO. AMARO



## Este é Ele o tal Cuíca de Santo Amaro Trovador Reporter da Bahia

Cuíca, batendo de frente  
com os versos

**Carlos Neves de Freitas** (O Sabiá de Coité) - *pesquisador da cultura popular, poeta, cordelista da cidade de Conceição do Coité*

José Gomes, O Cuíca  
Era um homem pragmático  
Na contundência dos versos  
Em seu cordel dogmático  
Moralista, incisivo...  
Bombástico, persuasivo  
Num estilo epigramático.

Poeta enigmático  
No seu modo de escrever  
Denunciando os engodos  
Fez seu discurso valer  
Bombardeando o sadismo  
Do falso socialismo  
Pôs a súcia pra tremer.

Com sua pena a escrever  
Registrava vários fatos  
Um “Castro Alves” da época  
Temido pelos relatos  
Fora imortalizado  
Pelo escritor Jorge Amado  
E por leitores sensatos.

Qual Gregório de Mattos  
Sua mensagem exprimia  
Muita indignação  
Combatendo a tirania,  
A injustiça, a indecência,  
Os corruptos, a excrescência  
Que enodoavam a Bahia.

(...)

Mestre Cuíca

**Ireno Bispo** (Bem-te-vi) - *poeta, cordelista e violeiro-repentista.*

O nosso grande Cuíca  
Foi um grande trovador  
Que lutava e defendia  
O pobre trabalhador  
Os seus troféus de poesias  
Estão nas mãos do Senhor

Parabéns, Bahia querida  
Por seu filho cordelista  
Que tanto se dedicou  
De maneira otimista  
Ele pregava a igualdade  
No seu direito de artista





# Acontece

## Castro Alves é celebrado com livros e poesia pelo Estado

O aniversário de 160 anos do poeta Castro Alves foi celebrado nesta quarta-feira, dia 14 de março, com extensa programação cultural nos municípios de Castro Alves, Cabaceiras do Paraguaçu, cidade onde nasceu o poeta, e em Salvador, onde poetas e grupos artísticos realizaram mais uma Passeata Poética, do Campo Grande à Praça Castro Alves. A Secretaria da Cultura, através da Fundação Pedro Calmon, realizou a entrega de obras literárias pelo Projeto “Livros à Mão Cheia”.

Foto: Jamile Menezes - ASCOM/FPC



O secretário Márcio Meirelles, o diretor do IPAC, Frederico Mendonça e Wlamira Albuquerque, da Diretoria de Arquivos da Fundação Pedro Calmon, entregam o kit livro a entidades culturais de Castro Alves e Cabaceiras do Paraguaçu, no Dia da Poesia.

## Biblioteca Thales de Azevedo comemora dez anos

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



A Biblioteca Pública Thales de Azevedo deu início às comemorações dos seus 10 anos na última terça-feira (13), com a palestra do diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, Ubiratan Castro, e uma homenagem ao patrono da instituição, Thales de Azevedo, com a palestra da socióloga Maria de Azevedo Brandão, filha do educador. O encontro contou também com a participação de estudantes, funcionários, bibliotecárias e familiares de Thales de Azevedo.

As comemorações pelos 10 anos da Thales seguem até o dia 30, período em que serão realizados cursos, oficinas, palestras e encontros com escritores. A Thales de Azevedo fica na Rua Adelaide Fernandes da Costa, Costa Azul e fica aberta ao público de segunda a sexta, das 9 às 18 horas.

### PROGRAMAÇÃO:

- Curso “Arte de Ler e Contar História”, com Betty Coelho, dias 20 a 23, às 14h;
- Encontro com o Escritor, com Bernadeth Argolo, dia 27, às 15h;
- Oficina “Despertar para a Qualidade de Vida”, com Soan Rodrigues Petrovich (psicóloga/psicoterapeuta), dia 30, às 14h.

## Biblioteca Pública dá início ao projeto Encontro com o Escritor de 2007

A Diretoria de Bibliotecas Públicas da Fundação Pedro Calmon deu início, na última segunda-feira (12), ao projeto “Encontro com o Escritor” de 2007, com a palestra do escritor, historiador e diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, Professor Doutor Ubiratan Castro de Araújo. O Encontro aconteceu na Biblioteca Pública do Estado (Barris), no qual o escritor falou da relação entre o trabalho do historiador e do autor literário, ambos contadores de histórias.

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



Lucas Souza, acompanhado dos músicos Eduardo Neto e Marília Matos, durante o show que marcou a abertura do projeto “Encontro com o Escritor” de 2007, homenageando o Prof. Ubiratan Castro de Araújo, diretor-geral da FPC

## Funcionários da Biblioteca brilham em apresentação artística

O Encontro com o Escritor deste mês foi marcado pelas “pratas da casa” da Fundação Pedro Calmon. Além do diretor-geral Ubiratan Castro, como o grande homenageado, o evento contou com um pocket show, coordenador por Rita de Cássia, da e Lucas Souza, do setor Infante-Juvenil da Biblioteca, que declamou poesias e cantou canções preferidas do homenageado. Acompanhando o show, os músicos Eduardo Neto (do grupo Bando de Uns) e Marília Matos do setor Documentação Baiana, também da Biblioteca Pública do Estado.

## Órgãos culturais debatem políticas do setor na Bahia

Entre os dias 6 e 8 de março, a Faculdade de Comunicação (Facom) da Ufba realizou o II Ciclo de Debates sobre Políticas Culturais - Perspectivas Culturais da Bahia, com a participação dos novos gestores da Cultura. O Ciclo de Debates foi um momento de diálogo sobre as novas políticas que deverão direcionar a Cultura na Bahia. Estiveram presentes o secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, o secretário estadual da Cultura, Márcio Meirelles, os superintendentes da Cultura, Ângela Andrade e Paulo Henrique, o diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, Ubiratan Castro e os diretores-gerais do Irdeb, Póla Ribeiro, do Ipac, Frederico Mendonça e da Fundação Cultural da Bahia, Gisele Nussbaumer.

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



Póla Ribeiro (Irdeb), Frederico Mendonça (Ipac), Paulo Miguez (Ufba), Gisele Nussbaumer (Funcab) e Ubiratan Castro (Fundação Pedro Calmon)